



MÉTODOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS:

estudos, reflexões e perspectivas

Marcos Pereira dos Santos
(Organizador)

2

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Organizador

Prof.º Dr. Marcos Pereira dos Santos

Capa

AYA Editora

Revisão

Os Autores

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora

Imagens de Capa

br.freepik.com

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza
Centro Universitário Santa Amélia
Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Dr. Carlos López Noriega
Universidade São Judas Tadeu e Lab.
Biomecatrônica - Poli - USP
Prof.º Me. Clécio Danilo Dias da Silva
Centro Universitário FACEX
Prof.ª Dr.ª Daiane Maria De Genaro Chiroli
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis
Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig
Universidade Federal do Paraná
Prof.º Dr. Gilberto Zammar
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso
Universidade de Santa Cruz do Sul
Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.º Me. Jorge Soistak
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Me. José Henrique de Goes
Centro Universitário Santa Amélia
Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim
Faculdade Sagrada Família e Centro de
Ensino Superior dos Campos Gerais
Prof.ª Ma. Lucimara Glap
Faculdade Santana

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues
Universidade Norte do Paraná
Prof.º Dr. Marcos Pereira dos Santos
Faculdade Rachel de Queiroz
Prof.º Me. Myller Augusto Santos Gomes
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Me. Pedro Fauth Manhães Miranda
Centro Universitário Santa Amélia
Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira
Instituto Federal do Acre
Prof.ª Ma. Rosângela de França Bail
Centro de Ensino Superior dos Campos
Gerais
Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens
Faculdade Sagrada Família
Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares
Universidade Federal do Piauí
Prof.ª Ma. Sílvia Apª Medeiros Rodrigues
Faculdade Sagrada Família
Prof.ª Dr.ª Sílvia Gaia
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda
Santos
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues
Instituto Federal de Santa Catarina

© 2021 - **AYA Editora** - O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). As ilustrações e demais informações contidas desta obra são integralmente de responsabilidade de seus autores.

M9399 Métodos e práticas pedagógicas: estudos, reflexões e perspectivas 2. / Marcos Pereira dos Santos (org.). -- Ponta Grossa: Aya, 2021. 300 p. – ISBN: 978-65-88580-67-7

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

DOI 10.47573/aya.88580.2.42

1. Educação. 2. Educação especial - Legislação. 3. Educação física (Ensino fundamental). 4. Ensino médio. 5. Meritocracia. 6. Minorias - Educação – Brasil. 6. Educação de jovens e adultos. 7. Tecnologia educacional. 8. História da educação. 9. Inclusão escolar I. Santos, Marcos Pereira. II. Título

CDD: 370.7

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de
Periódicos e Editora EIRELI

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

Crianças com Síndrome do X Frágil e as práticas relacionais inclusivas

Children with Fragile X Syndrome and inclusive relational practices

Sherida Nayara Alves da Silva

Professora da Educação Básica do Município de Aquiraz – Ceará. Professora e tutora de Ensino Superior, Palestrante, Formadora de Professores e elaboradora de material didático; Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Gestão de Pessoas; Graduada em Licenciatura em Pedagogia; Graduada em Gestão em Turismo e em Gestão de Recursos Humanos pela Centro Universitário Ateneu – UniAteneu – Fortaleza - CE

Silvia Leticia Martins de Abreu

Professora da Educação Básica (Servidora pública) de Língua Inglesa e Redação, no 1º Colégio da Polícia Militar General Edgar do Ceará – 1ºCPMGEF; Professora e tutora de Ensino Superior, Palestrante, Formadora de Professores e elaboradora de material didático; Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional; MBA em Gestão em Negócio; Especialista em Gestão em Didática de ensino superior pelo Centro Universitário Ateneu – UniAteneu – Fortaleza - CE; Especialista em Gestão Escolar pela Universidade estadual do Ceará; Graduada em Letras: Português e Inglês pela Universidade Estadual do Ceará - UECE

Synara Maria Lobo da Silva

Professora da Educação Infantil e Ensino Fundamental; Graduada em Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário Ateneu – UniAteneu – Fortaleza - CE

Resumo

Este artigo tem como tema principal a análise das práticas pedagógicas inclusivas através dos profissionais que atuam em ambientes escolares com crianças de X frágil. Tendo como objetivo central compreender as perspectivas e necessidades dos professores sobre as ações pedagógicas direcionadas à inclusão de alunos com necessidades especiais, mais especificamente sobre a Síndrome do X Frágil. Desta forma este artigo tem como questionamento principal: Quais as dificuldades existentes que os profissionais da educação encontram para incluir educacional e socialmente o aluno com necessidades especiais, especificamente os sujeitos com a Síndrome do X Frágil? Entre os objetivos específicos podemos citar a verificação sobre a percepção dos profissionais que atuam com alunos com Síndrome do X Frágil, investigar os mecanismos pedagógicos de inclusão utilizados pelos docentes, assim também uma descrição da característica dos sujeitos com a patologia em questão. Utilizou-se nesse trabalho a metodologia descritiva e exploratória, de cunho bibliográfico através de várias pesquisas realizadas em sites, livros e artigos. Os resultados do trabalho mostram e podem auxiliar os profissionais da educação nas ações decorrente ao desenvolvimento intelectual e social destes sujeitos, e minimizar equívocos que podem significar sofrimento e perdas para estas pessoas, quanto ao seu ensino-aprendizado.

Palavras-chave: Síndrome do X Frágil, inclusão. ensino e aprendizagem. necessidade especial.

Abstract

This article has as main theme the analysis of inclusive pedagogical practices through professionals working in school environments with children of fragile X. Aiming to understand the perspectives and needs of teachers on pedagogical actions aimed at the inclusion of students with special needs, more specifically on fragile X Syndrome. Thus, this article has as main question: What are the existing difficulties that education professionals encounter to include educational and socially the student with special needs, specifically the subjects with fragile X Syndrome? Among the specific objectives we can mention the verification about the perception of professionals working with students with Fragile X Syndrome, investigate the pedagogical mechanisms of inclusion used by teachers, as well as a description of the characteristics of the subjects with the pathology in question. This work used the descriptive and exploratory methodology, of bibliographic nature through several research carried out on websites, books and articles. The results of the work show and can assist education professionals in the actions resulting to the intellectual and social development of these subjects and minimize misunderstandings that can mean suffering and losses for these people, regarding their teaching and learning.

Keywords: Fragile X Syndrome, inclusion. teaching and learning. special need.

A diversidade faz parte da característica social do ser humano e diariamente nos deparamos com as mais variadas diferenças, as quais podem ser de natureza variada: raça, crença, saúde, nível social, econômico e cultural, nacionalidade, moradia, personalidade, entre outras. Porém, apesar de vivermos e convivermos com tantas variações, todo sujeito deve ser incluído na sociedade, por meio dos princípios de igualdade.

Os profissionais de educação, os primeiros a entrar em contato com esse mundo diversificado, devem apropriar-se de todo e qualquer conhecimento que aborda a inclusão educacional e social, visto a interligação entre família, sociedade e escola no processo de construção e desenvolvimento de um sujeito, e atualmente se faz necessário agregar-se ferramentas diferenciadas, as quais auxiliam nesse processo. Nesse contexto, este artigo utiliza-se de um estudo de campo com profissionais que atuam no município do Eusébio, esses profissionais irão assessorar no trabalho de identificação alunos com SXF ou Síndrome de Martin-Bell, assim como as ferramentas pedagógicas que facilitam o desenvolvimento cognitivo e social destes sujeitos.

A decisão pelo tema surgiu porque, enquanto estudantes de pedagogia, percebemos a necessidade de compreender a dinâmica dos profissionais que lidam com esta problemática; assim como entender esta patologia, e investigar a inclusão e o desenvolvimento escolar daqueles sujeitos. O município de Eusébio foi escolhido devido à frequente campanha em suas escolas sobre a temática inclusão.

Desta forma, este artigo visa oferecer uma melhor percepção aos profissionais que atuam com alunos com Síndrome do X Frágil, para que estes possam intervir no processo de ensino-aprendizado destes estudantes; assim como, contribuir na aprendizagem significativa de docentes e discentes sobre a temática abordada.

Fundamenta-se na revisão bibliográfica relacionada ao tema, através de autores contemporâneos, sites institucionais, revistas e artigos; além disso, será enriquecido através de um estudo de campo, aplicando-se entrevista de forma semiestruturada com profissionais da educação que trabalham em escolas regulares e profissionais que trabalham em escolas para alunos com necessidades especiais.

Esta pesquisa apoia-se na concepção de que a educação inclusiva é uma temática compreensivelmente estudada sobre a ótica de uma dificuldade ou necessidade existente, assim como os problemas sociais, e conforme Fernandes e Lage (2015 p. 38) “a inclusão contribui para transformar a realidade histórica de segregação escolar e social das pessoas com deficiência, tornando efetivo o direito de todos à educação”. Por esse motivo, vê-se a necessidade de estruturar corretamente as pesquisas sobre a resolução desse problema, e dessa forma, ser capaz de incluir educacional e socialmente todos os alunos com dificuldades especiais, em especial os discentes com síndrome do X Frágil, tornando-os sujeitos capazes de fazer parte da sociedade de mais autônoma possível.

Assim, este artigo tem como principal questionamento: Quais as dificuldades existentes que os profissionais da educação encontram para incluir educacional e socialmente o aluno com necessidades especiais, especificamente os sujeitos com a Síndrome do X Frágil? É através desse questionamento que será desenvolvida a problemática desse trabalho científico.

Portanto, temos como objetivo central compreender as perspectivas e necessidades dos professores sobre as ações pedagógicas direcionadas à inclusão de alunos com necessidades especiais, mais especificamente sobre a Síndrome do X Frágil. Para alcançar esse objetivo, é necessário lançar mão de três objetivos: o primeiro será a verificar a percepção dos profissionais sobre a Síndrome do X Frágil, tendo como meio estruturante uma escola regular e uma escola para alunos com necessidades especiais, o segundo é investigar os mecanismos pedagógicos de inclusão utilizados pelos docentes. O terceiro objetivo será descrever as características dos sujeitos com a Síndrome do X Frágil para uma compreensão mais direcionada.

ABORDAGEM CONCEITUAL DA SÍNDROME DO X-FRÁGIL

A compreensão no que diz respeito à SXF, deve ser apoiada sobre a visão do que é uma síndrome e no que se estrutura, visto a falta de conhecimento sobre o assunto. Assim, vale destacar de forma sucinta que Síndrome é uma terminologia utilizada nas áreas de Medicina e da Psicologia, que segundo Bechara (2011, p. 1184), é:

1. (Med). Quadro patológico provocado por um conjunto de sintomas de uma doença, com causa conhecida ou desconhecida. 2. fig. Conjunto de sinais que caracterizam determinado comportamento individual ou coletivo.

De acordo com a conceituação dada por Bechara (2011), o sujeito com uma síndrome é caracterizado por uma patologia ou uma condição, visto que a patologia é atribuída às questões orgânicas anormais, e as condições podem ser por um estado permanente ou não.

Nesta ótica, França et al (2011) atribuída à SXF ou Síndrome de Martin-Bell um status de patologia, ou seja, “uma condição de origem genética”. Assim, França et al (2011, p. 2) discorre que:

A Síndrome do X Frágil (SXF) é a causa hereditária mais comum de déficit cognitivo (designação preferível às anteriores terminologias de atraso mental ou de deficiência mental). Trata-se de uma doença genética, ligada ao cromossomo X (par do cromossomo Y, é um dos cromossomos sexuais: as mulheres têm dois cromossomos X e os homens possuem um cromossomo Y e um cromossomo X) e deve o seu nome à descrição por Lubs, em 1969, do marcador X (caracterizado por uma constrição na extremidade do braço longo do cromossomo X) em todos os homens com déficit cognitivo de determinada família.

Sobre as observações mencionadas por França et al (2011), torna-se válido pontuar as considerações que Franco (2013, p.7) destaca sobre a síndrome em questão: “A Síndrome de X Frágil (SXF) é uma perturbação do desenvolvimento, de etiologia genética, pouco frequente, apesar de se estimar que 1 em cada 260 mulheres ou 1 em cada 300 a 800 homens possam ser portadores.”

Dessa forma, vale salientar, por meio das observações de França et al (2011, p. 2) e Franco (2013, p. 7), que a síndrome em questão possui várias especificidades. Dentre elas, a complexidade em avaliar e identificar os sujeitos com SXF, visto que o diagnóstico preciso só se determina por meio de um estudo genético através de um profissional da área, porém o seu processo de desenvolvimento deverá ser acompanhado por uma equipe multidisciplinar, visto que os sujeitos com a síndrome em questão segundo Pazzini e Oliveira (2009), têm características comportamentais atribuídas aos portadores do espectro autista e aos de síndrome de Down.

Apesar da complexidade existente na avaliação do sujeito em questão, este não deve ser excluído ou discriminado no convívio social, visto que, de forma organizacional e constitucio-

nal, na atualidade, o mesmo está incluso no contexto da sociedade humana.

Concepção Etiológica da Síndrome do X-Frágil

A existência humana, juntamente com todas suas especificidades, é explicada por meio de diversas pesquisas e teorias, como a de Charles Darwin, autor da teoria do evolucionismo, que comporta fenômenos biológicos e sociais. Existe também, com base na cultura judaico-cristã, o conceito de criacionismo, o qual é aceito com base na fé, na cultura e em outros elementos. Assim, através daqueles estudos, encontramos a evolução do homem em seu contexto histórico, geográfico, e biológico, que comportam integralmente a objetividade de suas necessidades, que implicam diretamente aos sujeitos com necessidades especiais.

Sob esta perspectiva destaca-se aqui a complexidade das estruturas biológicas relativas à SXF, que se tornou conhecida por meio da descoberta de J. Purdon Martin e Julia Bell, em 1943, no artigo *A pedigree of mental defect showing sex-linkage*, sobre a interligação do gene direcionado ao sexo e à deficiência. Segundo Pazzini e Oliveira (2009), somente “nos anos 80 a síndrome foi reconhecida”, mas, antes, em 1969, o Dr. Herbert Lubs relatara uma doença a qual “tem suas causas desenvolvidas por meio de uma má formação genética ligada ao cromossomo X, herdada da mãe”, assim dificultando sua identificação, porém sua total compreensão só se tornou possível com os estudos e abordagens da ciência genética, para assim ser possível desenvolver formas de intervenções apropriadas à realidade do sujeito.

Para um melhor entendimento do problema, torna-se imprescindível conhecer a estrutura dos cromossomos. Sabe-se que o ser humano é diferenciado pela junção de dois cromossomos, o X e o Y, que são conhecidos como os cromossomos sexuais os quais definem biologicamente o masculino e a feminino. Dessa forma, segundo Azevedo (2011, p. 21), “a mulher tem na sua composição dois cromossomos X, enquanto o homem traz na sua composição genética um cromossoma X e um Y”.

Sob esta ótica, é possível compreender que, se na formação dos cromossomos XX, ocorrerem alguma alteração em um dos X, a mulher não terá problemas em seu desenvolvimento cognitivo, visto que terá outro cromossomo que auxiliará, porém, se, na formação dos cromossomos YX, que corresponde ao sexo masculino ocorrer uma alteração direcionada a uma fragilidade ou irregularidade no cromossomo X, esse sujeito terá uma deficiência maior em relação ao feminino.

Nessa perspectiva, Yonamine e Silva (2002) afirmam em “Característica da comunicação em um indivíduo com a Síndrome do X Frágil”, que:

A denominação de SXF relaciona-se à presença de uma região de fragilidade, mais sujeita à ocorrência de quebras ou falhas, ou um sítio frágil [fra(X)], localizado na porção distal do braço longo do cromossomo X, mais especificamente em Xq27. 3. (YONAMINE e SILVA 2002, p. 981)

Por fim, vale salientar que a SXF é uma síndrome que tem em sua origem a hereditariedade, e, conforme Gauderer (1993, *apud* PAZZINI e OLIVEIRA 2009, p. 72), “a síndrome do X Frágil ocupa o segundo lugar, depois da síndrome de Down, como causa de deficiência mental”. Destaca-se, ainda, que as mulheres também podem ser afetadas de forma mais sutil em relação aos homens.

A criança com Síndrome do X- Frágil

Sobre os estudos dos aspectos que comportam o ser humano, é possível destacar o sujeito em sua totalidade, ou seja, como um sujeito histórico, biológico e cultural, que segundo Azevedo (2011) a história do estudo de pessoas com deficiências destaca em diversos documentos, relatos de situações o comportamentos de seres humanos com deficiências físicas, sensoriais ou mentais, assim, a história também destaca o tratamento dado a estes sujeitos, como por exemplo, a escola, que “até ao final do século XVIII não admitia no seu seio todos aqueles que estavam excluídos da ordem social” Azevedo (2011, p. 6).

Nesta ótica assim também foi observado por Azevedo (2011) que existia um olhar diferenciado sobre estes sujeitos devido à falta de compreensão e a falta de interesse social. Assim, as mudanças foram ocorrendo significativamente, com a ampliação dos conhecimentos e das necessidades sociais, que segundo Azevedo (2011) é representado pelo “conceito de “idade mental”, assim também os testes de inteligência, ou melhor, a escala de inteligência Binet-Simon, originam uma evolução no sentido da criação de escolas especiais”, e a teoria psicanalítica de Freud, considerado uma grande abordagem no início do século XX, no que diz respeito aos estudos e intervenções das crianças com necessidades diferenciadas.

Assim, Martins (2001 *apud* FRANCO, 2013 p. 21) discorre que: “O aspecto clínico da SXF é muito amplo e inclui desde perturbações afetivas ligeiras e dificuldades de aprendizagem em indivíduos com um QI norma, até graus variados e déficit intelectual e autismo”.

Nesse sentido, pontua-se a necessidade de mais analisar-se o sujeito com a SXF, visto assim sobre o olhar de sua deficiência mental, pois, segundo Albuquerque (2000 *apud* AZEVEDO, 2011 p. 19).

na realidade, a heterogeneidade da população habitualmente designada como deficiente mental, em termos de etiologias, características comportamentais, necessidades educativas, etc., revela que se trata de um problema prático (e teórico) complexo, multideterminado e multidimensional, não redutível a uma definição unívoca.

Dessa forma, torna-se imprescindível apoiar-se na ideia de que o sujeito em sua especificidade comporta também em sua composição genética competências que podem ser “trabalhadas”, e não pode simplesmente ser definido por uma delimitação funcionalmente intelectual. Essa abordagem teórica e prática sobre a SXF devem estar intimamente ligadas à compreensão das distribuições do cromossomo X das crianças, de acordo com a prevalência do sexo.

Práticas relacionais no contexto educacional a respeito de uma criança com a síndrome do X-Frágil

Uma das principais práticas relacionais que envolvem a criança com X frágil no contexto educacional é a possibilidade de incluí-la na comunidade escolar; pois se sabe que estas crianças com deficiência intelectual têm seus direitos garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA); assim como nas Convenções dos Direitos da Criança que lutam pela igualdade ao longo do tempo, para que pessoas com deficiência intelectual ou múltipla tenham acesso à escola com estudo de qualidade.

Desta forma serão usados como base para os argumentos teóricos sobre essas práticas e sobre a necessidade de tal indivíduo ser inserido na escola, na comunidade e na família, os

seguintes autores: Bueno (1993), Figueiredo (2009), Mendes (2006), Constituição Federal Brasileira (1988), Declaração Universal dos Direitos Humanos, Correia (1999).

A necessidade da relação criança/escola/comunidade

Inicialmente, vale ressaltar que toda criança sendo ou não portadora de deficiência intelectual ou múltipla, tem direito de frequentar a escola e assim ser inserida na sociedade, pois segundo a Constituição Federal: “A educação é um direito de todos” (CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988 Art. 205). Assim, a Constituição de 1988 afirma também que o atendimento escolar é obrigatório a todos os indivíduos de 4 a 17 anos, inclusive as pessoas com deficiência física e mental, ou seja, no caso a criança aqui estudada com SXF.

Percebe-se que fazer a relação entre a criança com SXF e a escola não é só uma necessidade ou uma obrigação, mas um direito dela. Através disso é que se inicia o combate ao preconceito, pois a discriminação muitas vezes acontece por falta de conhecimento sobre cada situação e sobre o indivíduo.

Este preconceito acontece dentro da própria escola. A maioria das pessoas, e em parte os profissionais da educação, não sabe como administrar situações quando se fala de crianças especiais dentro da sala de aula. Muitos não sabem que a criança com deficiência pode desenvolver atividades diversas, valorizando a sua capacidade, e a forma de atuação dos pais e professores, isso porque há falta de formação específica para tal demanda.

Se observarmos o que defende a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que afirma que:

A Assembleia Geral proclama a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade, tendo sempre em mente esta Declaração, se esforcem, através do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universal e efetiva, tanto entre os povos dos próprios Estados-Membros, quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição (CHUEIRI, 2009 p. 57).

Pode-se perceber com tal declaração que diante de várias leis que regem o país, assim como aquelas que não são leis, mas tem força de Lei, é direito de todos os sujeitos com deficiências, e em especial o de SXF, frequentar a escola regular para que através dela estes possam ser inseridos na sociedade e no convívio com outras crianças.

A Necessidade da relação criança/escola/família

No início das pesquisas sobre as crianças com Síndrome de X Frágil estávamos conscientes das dificuldades que encontraríamos para desenvolver tal assunto, visto que se tratava de uma população pouco investigada, por ser pouco conhecida no nosso país. Porém este foi um dos motivos que nos levou a aprofundar sobre um assunto tão pouco conhecido pelos profissionais da área da educação.

Diante de todo contexto educacional já abordado, é importante inserir este item sobre a relação entre criança-escola-família. A intenção principal é mostrar as vantagens presentes nesta interação para o desenvolvimento intelectual da criança com SXF, assim como sua integração no meio social. Assim, de acordo com Miranda: “A família constitui uma unidade onde acontecem

muitas interações – um sistema interacional. Acontecimentos que afetam qualquer um dos membros da família pode ter impacto em todos os seus membros” (CARTER & GOLDRICK, 1980, citado por MIRANDA CORREIA 1999, p. 147).

Cabe à família estar presente no processo de desenvolvimento cognitivo desta criança, pois uma boa intervenção acontecerá através do apoio daqueles que convivem e que podem com mais propriedade dissertar e “colocar a par” sobre toda situação do aluno com deficiência intelectual, pois é no seio da família que temos as respostas para alguns questionamentos que são decisivos para trabalhar o desenvolvimento cognitivo deste ser humano com necessidades especiais, como por exemplo, questões hereditárias, DNAs, comportamentos em casa e no convívio social com adultos ou outras crianças, entre outros.

METODOLOGIA DA PESQUISA

O estudo presente se desenvolve sobre uma revisão bibliográfica qualitativa direcionada ao tema (As percepções sobre a SXF dos profissionais que atuam no espaço escolar), através de autores como Azevedo (2011); Cunha e Santos (2012), sites institucionais, revistas e artigos.

Conforme Gil (2002, p. 43), a pesquisa bibliográfica pode ser definida da seguinte forma:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas.

Assim como Gil (2002), Lakatos (2003) conceitua pesquisa de forma sucinta e clara, apoiando-se na defesa de que a pesquisa bibliográfica é o envolvimento de todos os autores que discursaram e tornaram públicos os assuntos relacionados ao tema de estudo, por meio de diversas fontes, como: publicações avulsas, boletins, jornais, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, revistas, livros, etc., até meios de comunicação orais: rádio, televisão, filmes, gravações em fitas, entre outros.

Desta forma, esta pesquisa também tem um viés descritivo, visto que, por meio deste processo, foi possível identificar todas as variáveis hipotéticas, responsáveis pela ocorrência do fenômeno que é o objeto de estudo. Assim, através desta pesquisa, foi possível trazer um grande enriquecimento, no que diz respeito ao conhecimento educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo foi possível observar que as ideias de inclusão, oferecem suporte às docentes, para a socialização e desenvolvimento dos sujeitos com necessidades especiais, porém, para as ações pedagógicas com sujeitos que têm a SXF, as profissionais contam com abordagens iniciais intuitivos, visto a limitação nos conhecimentos sobre a síndrome em questão. Assim, foram discutidos e pontuados os conceitos de inclusão, as características da SXF, bem como as práticas educacionais direcionadas a pessoas com SXF. O tema em estudo: Crianças com síndrome do x frágil e as práticas relacionais inclusiva.

Nesta pesquisa, foi feita uma abordagem sobre a criança com SXF e suas características, para uma melhor compreensão e identificação desses sujeitos; dissertou-se sobre práticas relacionais no contexto educacional com pessoas que tem SXF, incluindo nessa abordagem, a criança/escola/comunidade e família, ou seja, a inclusão.

De acordo com as pesquisas feitas constatamos que no espaço escolar a criança aprende a desenvolver sua autonomia por meio de diversas vivências, e quando o sujeito possui alguma dificuldade na interação social e comunicação, como é o caso da SXF, a inclusão proporciona ou oportuniza o desenvolvimento, o importante é que seja compreendido as especificidades destes sujeitos, para uma intervenção efetiva.

Dessa forma concluímos que os objetivos da pesquisa foram alcançados, visto que, esta era compreender as dificuldades existentes que os profissionais da educação encontram para incluir educacional e socialmente o aluno portador de necessidades especiais, especificamente os sujeitos com SXF.

Por fim, conseguimos atingir os objetivos traçados, e compreender segundo as entrevistas, que os profissionais da educação têm um conhecimento limitado sobre as abordagens inclusivas, porém, os conhecimentos que possuem são aplicados dentro da realidade da escola. Assim também, o conhecimento sobre a SXF só é apresentado e buscado, por meio da necessidade do educador. No entanto, a família é o maior implicador no processo de desenvolvimento dos sujeitos com SXF, e que as escolas além de compreender a síndrome, precisam conscientizar a família e a comunidade.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, B. L. M. A inclusão da criança com síndrome do X frágil – Estudo de caso. Lisboa: Escola Superior de Educação Almeida Garret, 2011.

BECHARA, E. C. Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

BRASIL. Casa Civil. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: CC, 1996.

BRASIL. Constituição Federal. Brasília - DF, 1988.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23/dez./1996.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Decreto Nº 3.956, de 8 de outubro de 2001. Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. Brasília: MEC, 2001.

BRASIL. MEC. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira (Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996). Ministério da Educação. Brasília, 2001.

BRASIL. Lei 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/>

ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm.> Acessado em 14/05/2018 às 18:07.

BUENO, J.G.S. Educação especial brasileira integração/ segregação do aluno diferente. São Paulo: EDUC/PUSP, 1993.

CHUEIRI, V. K. de. Fundamentos do direito constitucional. Curitiba, PR, 2009.

CORREIA, L. M.; CABRAL, M. C. M.; MARTINS, A. P. (1999). Pressupostos para o Êxito da Integração/ Inclusão. Em L. M. Correia (Ed.), Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares. Porto Editora. 161-169.

CUNHA, A. C. B.; MAGALHÃES, J. G. Oficina de aprendizagem mediada: uma proposta de reflexão para prática pedagógica. Curitiba, PR: Juruá Editora, 2011.

CUNHA, A. C. B. SANTOS, J. G. M. Educabilidade cognitiva de aluno com síndrome do X Frágil: um estudo de caso. Revista eletrônica: Ciências & Cognição 2012; Vol 17 (1): 190-204 Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org>> Acesso em: 12/05/2018 às 18:34

FRANÇA, D. C. C. MARIA, D. M. C. CORREA, I. P. C. I. ABURAD, A. T. T. AGUIAR, M. H. C. Á. de. Síndrome do x frágil: Relato de Caso. Revista Faipe. V. 1, n. 1, jan/jul. 2011.

FERNANDES, A. F. de F. LAGE, D. de A. A importância da educação inclusiva na formação docente para o ensino de biologia – 2015 – Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21175_10332.pdf> - acesso em: 16/03/2018 as 13:45

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA e Linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília, Corde, 1994.

FIGUEIREDO, R. V. A educação infantil e a inclusão escolar. Heterogeneidade, cultura e educação. Revista Brasileira de Educação, Brasília: SEE, v.15, n.1, p.121-140, jan.- br.2009.

FRANCO, V. Síndrome do X Frágil, pessoas, contextos & percursos. Edições Aloendro. Évora. 2013. Capítulo 1. p. 7.

NAVARRO, I. P. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, Conselhos Escolares: democratização da escola e construção da cidadania /elaboração Ignez Pinto Navarro... [et al.] Brasília: MEC, SEB, 2004.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GAUDERER, E. C. Autismo e outros atrasos do desenvolvimento: uma atualização para os que atuam na área- do especialista aos pais. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1993. 348p

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, M. K. A.; ACOSTA, A. X. Aspectos gerais da Síndrome do X-Frágil: principal causa hereditária de retardo mental. Rev. Ciências. Méd. Biol, v. 6, n. 2, p. 197-203, 2007.

LAKATOS, E. M. Fundamentos da Metodologia Científica. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, M. de A. LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARTINS, M, P. Perturbações de espectro X frágil: aspectos clínicos. Parte 1. Abordagem genética e clínica da Síndrome. Livro de Coletâneas Síndrome de X Frágil, pessoas, contextos & percursos. Organizador Víctor Franco. Universidade de Evora. Isbn 978-989-8408-08-2. p. 21-40, 2013.

MENDES, E. G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. Revista Brasileira de Educação, v. 11, n. 33, p. 387-405, set./dez.2006.

PAZZINI, P. B. OLIVEIRA. V. B. Síndrome do X-frágil: orientações aos professores. Rer. Pedagogia em ação, v.1, n.2, p. 1-122, ago./nov. 2009.

SANTOS, I. E, dos. Manual de métodos e técnicas de pesquisas científicas. 6ª ed. rev., atual. e ampl. – Niterói, RJ: Impetus, 2009.

YONAMINE, S. M. SILVA, A. A. Características da comunicação em indivíduos com a síndrome do X frágil. Arq Neuropsiquiatr 2002; 60(4): 981-985, Campinas, SP. 2002.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução Neto, J.C.; Barreto, L. S. M.; Afeche, S. C. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

